

Fruição do Audiovisual no Ambiente Escolar em Tempos de Hiperconexão. A Apropriação das Linguagens Midiáticas na Educação.¹

Soraya Maria Ferreira VIERA²

João Mateus Cunha Diniz ARANTES³

Luana Casilho MOREIRA⁴

Universidade de Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente trabalho pretende fazer uma revisão do projeto desenvolvido pelo PET FACOM/UFJF, em processo desde 2013, referente à linguagem audiovisual com alunos do ensino médio em escolas públicas de Juiz de Fora. Para tanto, apresentaremos e discutiremos os conceitos relativos ao tema, pautados, principalmente, pela perspectiva teórica da literacia midiática e da aprendizagem ubíqua. Destacaremos, ainda, a forma como esses estudos ajudam no desenvolvimento de metodologias que levam em conta a construção colaborativa do conhecimento e o desenvolvimento da cidadania.

Palavras-chave: mídia-educação; cidadania; literacia midiática; aprendizagem ubíqua; linguagem audiovisual.

Introdução

Cada vez mais convivemos em um mundo em que a produção de linguagem leva em conta a multiplicidade de sistemas e processos sígnicos relacionados simultaneamente. Neste ambiente, a visualidade, em especial a das imagens em movimento, ganha força como forma de comunicação privilegiada. Apesar do barateamento dos equipamentos que facilitam esta prática, acreditamos que no contexto escolar, principalmente da rede pública, essa linguagem não é devidamente explorada no sentido de estimular a formação crítica, reflexiva e expressiva dos estudantes.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Profa.Dra. da Facom/ UFJF, membro permanente do Programa de Mestrado em Comunicação da FACOM, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagens, Redes e Ambientes Imersivos e integrante da Rede ALFAMED email: sovferreira@gmail.com.

³ Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. email: joaocunha13@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º período do Curso de Jornalismo da Facom/UFJF, bolsista do Programa de Educação Tutorial- PET/ SESu e-mail: luanacasilho@gmail.com

Compreendemos que a produção audiovisual pode levar o indivíduo a descobrir o seu entorno e a si próprio através da criação de narrativas que utilizem uma linguagem complexa e que exigem, para sua realização, um sujeito ligado de maneira multirreferencial à realidade que o cerca. Saber lidar com os desafios que este sistema de signos impõe é prerrogativa para a nova geração.

Em tempos da hiperconexão, em que o acesso a vídeos é crescente, presenciamos tanto o consumo como a produção e veiculação intensa de conteúdos audiovisuais por parte de jovens e adolescentes. Este processo é característico das novas gerações e define uma nova etapa do desenvolvimento das narrativas midiáticas, constituída por consumidores que são, ao mesmo tempo, produtores. Ferrés, abordando a questão do dinamismo dos novos processos comunicacionais denomina esses agentes de *prosumidores* - (FERRÉS, 2014).

Essas novas ferramentas permitiram que os diferentes tipos de linguagens e formatos, que vão desde a fotografia e os telejornais, passando pela publicidade e pelo cinema, fossem integradas no ambiente do ciberespaço, possibilitando inúmeros modos de produzir e divulgar histórias.

Muitos destes jovens, que são nativos digitais, já estão imersos em um ambiente que favorece o desenvolvimento das competências que estão em jogo quando o assunto é produzir linguagens audiovisuais, seja para postar, curtir, denunciar, disseminar ou divulgar informações via novos ambientes digitais. Neste panorama, é de fundamental importância pensar e discutir o papel da educação midiática e a possibilidade da criação de novas diretrizes pedagógicas que deem conta das transformações em curso.

Mídia-educar: A apropriação da linguagem midiática

Linguagem é tudo que nos faz estar atuante, agindo e revendo nossas crenças e aplicações no mundo prático. Linguagem é tudo que pode estar no âmbito das comunicações, tudo o que diz respeito à significação, à sensação e ao modo especial, singular, pelos quais esses elementos se apresentam. Enfim, por meio da linguagem, podemos averiguar como se dão as interseções de conhecimentos existentes na dinâmica de construção da representatividade dos jovens em suas comunidades.

As perguntas que formulamos durante o processo junto aos alunos do ensino médio orbitam em torno das questões que permeiam a linguagem, a representação social e a prática da produção audiovisual. Como se dá esta troca de conhecimento? Como a

linguagem constrói representações? Como podemos construir metodologias eficazes para apreender e dar forma a este rico mundo que nos rodeia ao compartilharmos saberes? Como configuramos nossas práticas? Qual o alcance da metodologia para a criação de produtos de comunicação audiovisuais?

Crystal (1997) sintetiza que nas diversidades de mediações e signos existentes para exprimirmos nossos sentidos para as coisas atuantes no mundo, é que encontramos o desenvolvimento daquilo que dá forma e conhecimento para tudo que se apresenta, ou seja, a linguagem e o pensamento. Vejamos:

Mas, como é próxima a relação entre linguagem e pensamento? É usual vermos esta questão de dois modos em dois extremos. Primeiro, temos a hipótese que a linguagem e o pensamento são entidades completamente separadas, distintas e a outras vê como sendo dependente uma da outra. No extremo oposto, há a hipótese de que a linguagem e o pensamento sejam idênticos e não é possível uma forma de pensar racional sem o uso da linguagem. A verdade parece existir em algum lugar entre essas duas posições. (1997, Crystal, p.16)

Talvez faça sentido retomar a questão das possibilidades sinestésicas contidas nos meios e nas linguagens multimídiaicas, onde a imagem ganha infinitas e aleatórias manipulações dadas com o mundo virtual, e parece coabitar, cada vez mais, o imaginário e a busca de uma totalidade da experiência cognitivo-sensorial que foi, de algum modo, capturada pela cultura letrada.

O valor dos meios técnicos está, justamente, em introduzir um tipo de semiótica que corresponda a um código semelhante ao nosso e que possa combinar informações, traduzindo o conhecimento em um sistema sígnico organizado em linguagem. A ideia de educar através da prática do audiovisual leva em conta que o mundo só é possível de ser representado através da mediação da linguagem, e de que as linguagens estão no mundo e nós nelas (Santaella,1981).

Com a revolução tecnológica e a convergência midiática abordada por Jenkins (2009), há um movimento de confluência de linguagens. Os meios técnicos, suas funções operacionais e as mídias, passam a se entrelaçar e a ser condensados em novas linguagens hibridizadas. Esse deslocamento promove uma transformação do comportamento do público, que, como dito anteriormente, passa a atuar na qualidade de prosumidor, tornando o consumo um processo coletivo e participativo.

Sob essa perspectiva, torna-se essencial rediscutirmos as novas formas de educação e aprendizagem, agora mais ajustadas às complexidades sociais e culturais vivenciadas pelos cidadãos hiperconectados. Para Maria Luiza Belloni (2009), a apropriação das

linguagens midiáticas e das tecnologias de informação e comunicação no contexto educacional é imprescindível:

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso a estas máquinas está gerando (BELLONI, 2009, p. 10)

No processo de incorporação das novas tecnologias de informação e comunicação na esfera social, destaca-se a grande popularização dos dispositivos móveis digitais. Os dados de uma pesquisa realizada em 2014 ⁵revelam que aproximadamente 43 milhões de brasileiros acima de 12 anos acessam a internet por meio de *smartphones* ou *tablets*. Nenhuma tecnologia anterior alcançou uma adesão tão expressiva em um curto período de tempo como as mídias móveis. A partir da interação por meio desses artefatos surge uma nova modalidade de comunicação que reconfigurou a relação entre indivíduo, lugar, tecnologia e informação: a comunicação ubíqua.

Com origem nas ciências da computação, o conceito de ubiquidade hoje está sendo incorporado às pesquisas em cibercultura. De acordo com Araújo (2003) a computação ubíqua refere-se à junção de aspectos da computação móvel e da computação pervasiva. A primeira consiste na mobilidade física das tecnologias, ou seja, o usuário pode levar seu computador para onde desejar. Na computação pervasiva, a mobilidade se dá no âmbito das conexões, a tecnologia consegue abarcar-se no ambiente, detectar outros dispositivos e promover a comunicação entre eles. Os sensores e sistema inteligentes são típicos dessa modalidade. Já a computação ubíqua por sua vez, é a síntese e a incorporação dos avanços tecnológicos de ambas, com a mobilidade de uma e a funcionalidade da outra.

Na comunicação, a ubiquidade faz referências aos dispositivos móveis e a interação possibilitada por eles. Além da mobilidade que há algum tempo nos foi conferida por algumas tecnologias como o celular e o *notebook*, a ubiquidade permite ao usuário portar tanto o aparelho quanto a conexão, é o movimento de interconexão tecnológica e sua onipresença; a mobilidade virtual somada à física, isto é, a hiperconexão.

Lúcia Santaella (2013) argumenta que, com essa profunda mudança, nos transformamos, também, em seres ubíquos “Estamos, ao mesmo tempo em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes. Aparelhos móveis

⁵ Pesquisa realizada pela F/Nazca Saatchi & Saatchi em parceria com o Datafolha. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/mercado/2014/01/1400618-43-milhoes-de-brasileiros-acessam-internet-por-dispositivos-moveis.shtml>

nos oferecem a possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença”. (SANTAELLA, 2013, p.16).

A autora propõe, então, um modelo de abordagem pedagógica no contexto da ubiquidade, denominado “aprendizagem ubíqua”, partindo do princípio de que a aprendizagem diz respeito ao “processo dinâmico e ativo que produz modificações cognitivas e comportamentais, relativamente duradouras” (*ibid.* 2013, p. 289) e o caráter ubíquo é referente ao processo de interação proporcionado pelos dispositivos móveis.

Esse modelo de aprendizagem foge ao paradigma da educação formal e linear. Os processos cognitivos e sensoriais estimulados por ele são desenvolvidos espontaneamente, de maneira caótica, fragmentada e inadvertidamente (SANTAELLA, 2013), adequando-se melhor às complexidades atuais e ao novo padrão de consumo. O ambiente, a inclusão, a coletividade e a construção da cidadania, como veremos mais à frente, são valorizados nessas novas práticas.

A linguagem midiática e as novas tecnologias de informação potencializam os processos de cognição e construção do conhecimento e oferecem um material abundante, cheio de alternativas a serem exploradas no contexto educacional, não podendo ser ignoradas pelas novas políticas públicas e atores sociais.

O Projeto – Aprender e Cooperar

A fim de pensar nestas novas possibilidades de interação criadas a partir da apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC), e de que modo essas ações estão ligadas ao processo de construção do conhecimento e formação da cidadania, é que o Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, apoiado pela FAPEMIG¹, desenvolveu um projeto de formação do saber audiovisual em escolas públicas de ensino médio de Juiz de Fora. A ação foi realizada entre agosto de 2013 a abril de 2014 e contou com a participação de sete discentes integrantes do PET-FACOM, dois professores coordenadores e doze jovens de três escolas públicas estaduais centrais da cidade.

O objetivo do projeto foi oferecer a estes alunos as bases para a criação de produtos de comunicação audiovisuais, articulados ou não às redes sociais digitais, de modo que eles se tornassem aptos a prosseguir com essas práticas após o encerramento das atividades. Procuramos também, estimular a reflexão sobre os anseios e perspectivas dos grupos sociais

aos quais estão inseridos, questionando e construindo valores por meio da linguagem audiovisual.

Outro ponto importante do projeto foi a ideia de aprender cooperando, assegurando e sistematizando a experiência da fruição da linguagem midiática. Desenvolvendo, assim, a cultura audiovisual nas escolas através da promoção de situações em que o debate e a produção levassem à reflexão sobre a necessidade da participação do indivíduo em seu meio social.

Durante a realização do projeto, estabelecemos estratégias de aproximação para a realização de mini narrativas com temáticas locais, a partir de visões globalizantes da linguagem; sem se limitar às velhas formas de aprendizagem do conteúdo, ampliando o processo de aquisição de conhecimento, diálogo e escuta entre os participantes do processo.

Destacamos, também, a relevância do projeto enquanto possibilidade de formação acadêmica e social dos integrantes do grupo PET-FACOM. Além da relação semanal que estes puderam estabelecer com a comunidade externa e os alunos das escolas selecionadas, a iniciativa propiciou aos bolsistas, muitos deles com atividades de pesquisa relacionadas à educação e ao audiovisual, a oportunidade de aprofundarem seus conhecimentos nessas áreas e na elaboração e condução de oficinas temáticas.

Metodologia e resultados parciais

O grupo, por meio de leituras preliminares e vivência prática na condução de oficinas desenvolvidas para a proposta citada, objetivou criar uma metodologia própria para a abordagem e discussão da linguagem audiovisual, focado em quatro pilares: ouvir, ver, fazer, refletir.

O processo didático desenvolvido a partir desses quatro conceitos chave pode ser resumido da seguinte forma: primeiro osicineiros escolhidos para o dia faziam uma breve exposição sobre determinado conceito do audiovisual, explicando sua importância, relacionando-o a outros temas pertinentes e a aplicações práticas (momento do ouvir). Após, esse primeiro contato, eram exibidos exemplos de filmes, comerciais e videocliques que faziam uso do conceito em questão (momento do ver). Passada a exposição teórica, os alunos iam a campo realizar na prática os conhecimentos adquiridos (momento do fazer). O último passo consistia em rever os trabalhos feitos em grupo dando sugestões, discutindo novas formas de articulação e repercutindo os diferentes olhares apresentados (momento do refletir).

Como já destacado, neste processo focalizamos o desenvolvimento de mini narrativas audiovisuais que tivessem como objetivo consolidar etapas de aprendizado, reiterando temas debatidos no espaço das oficinas. Entendemos como mini narrativas, vídeo-cenas, de até 2 minutos, que articulem uma lógica causal, constituindo uma narrativa coesa.

Ao final do projeto, a partir de uma demanda dos próprios alunos, optamos por realizar um curta-metragem como produto final. Apesar de complexa, a proposta se mostrou muito proveitosa. Sob a supervisão dos bolsistas, os próprios alunos tiveram a oportunidade de coordenar as principais funções envolvidas na execução de uma obra audiovisual, como desenvolvimento do argumento e do roteiro, produção, captação de áudio, direção e operação de câmera. O processo de filmagem durou duas semanas e o resultado foi o curta-metragem intitulado “Transição”, que discute, misturando cenas de ficção e passagens documentais, o problema do Bullying nas escolas.

Com este projeto, construímos um conhecimento local-colaborativo, fomentando questões atuais através do olhar dos jovens que vivenciam estas práticas nas escolas públicas e dos universitários, que visam formular e expressar, por meio das linguagens, suas competências e habilidades. Ao mesmo tempo, a iniciativa nos fornece pistas sólidas para desenvolver estratégias metodológicas para o ensino do audiovisual.

Produção audiovisual, competências midiáticas e cidadania

O desenvolvimento de uma didática própria que leve em consideração os elementos singulares da linguagem audiovisual é um dos assuntos mais debatidos na área de educação para as mídias. Neste panorama, as iniciativas que envolvem a discussão e a produção acadêmica sobre a literacia midiática ganham cada vez mais destaque. Segundo Borges,

No contexto europeu, diversos projetos têm sido desenvolvidos desde os anos 1980 a fim de definir uma agenda comum de promoção da literacia midiática. O estudo sistematizado da literacia midiática tem início a partir de algumas iniciativas da Unesco relacionadas com a educação para as mídias (BORGES, 2013, p. 50).

A partir deste período de projetos embrionários, o debate sobre o tema já amadureceu significativamente e, em diversos países, principalmente do cenário europeu, vem se desenvolvendo iniciativas periódicas para a implantação de marcos que balizem as políticas públicas na área.

De acordo com Borges (2013), dentre essas iniciativas, atualmente destaca-se a ação da Comissão Europeia, que desde novembro de 2000, dentro do escopo da Agenda de Lisboa, tem financiado projetos e *workshops* sobre a literacia midiática, no sentido de ajudar as organizações e os profissionais de diversos países europeus a estabelecerem contatos e criarem redes de trocas de conhecimentos e experiências.

Em 2006, a Comissão Europeia também estabeleceu o *Media Literacy Expert Group* com o objetivo de analisar e definir os objetivos e as tendências da literacia midiática; ressaltar e promover boas práticas e propor ações para o campo. Em 2011 um novo projeto, intitulado *Expert Group on media literacy in schools*, foi formado a fim de promover a inclusão da literacia midiática nos currículos escolares das escolas europeias.

Outro grupo que se destaca na atuação em países indo-americanos e europeus é a Rede ALFAMED. O projeto, desenvolvido por meio de uma cooperação internacional entre diversas universidades pretende contribuir de maneira inovadora para o mapeamento de competências midiáticas e o desenvolvimento de ações que as ampliem. Esta iniciativa inclui trabalhos de pesquisadores argentinos, colombianos, chilenos, equatorianos, espanhóis, italianos, portugueses, venezuelanos e brasileiros, da qual fazemos parte.

Feito um breve panorama histórico dos estudos na área, faz-se necessário uma definição do termo em questão. O Jornal Oficial da União Europeia⁶ de 2012, define literacia como uma,

(...)competência crucial para a vida, habilitando cada cidadão a desenvolver capacidades de reflexão, expressão oral, espírito crítico e empatia, e impulsionando a evolução pessoal, a autoconfiança, um sentido de identidade e a plena participação numa economia e sociedade digital e do conhecimento (2012, p. 393 BARRA 1).

Para Borges (2013), objetivo da literacia midiática é aumentar o conhecimento sobre os diversos formatos de mensagens midiáticas presentes na vida contemporânea e ajudar os cidadãos a compreender a maneira como as mídias filtram percepções e crenças, formatam a cultura popular e influenciam as escolhas individuais. O desenvolvimento das competências midiáticas deve habilitar os agentes sociais para o pensamento crítico a fim de que possam tornar-se consumidores sensatos e produtores de informação.

Neste sentido, os pesquisadores da área têm se unido na elaboração das principais competências práticas e teóricas que estariam envolvidas no processo de capacitação plena em literacia midiática. De acordo com Ferrés (2007), competência é um conjunto de

⁶ Disponível em:

<http://eurex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ%3AC%3A2012%3A393%3A0001%3A0004%3APT%3APDF> Acesso em 08-06-2015

habilidades, conhecimentos e atitudes que são considerados necessários para se realizar uma determinada tarefa, e que podem ser transferidos e aplicados em situações distintas.

O autor afirma, ainda, que a eficácia do processo didático neste contexto midiático depende, em grande medida, da criação de sistemas de avaliação e de pontos de conhecimento chave. O primeiro passo para a criação desta avaliação ampla é a definição precisa dos conhecimentos e habilidades que estão envolvidos no fazer-compreender da dinâmica das produções midiáticas (FERRÉS, 2007).

Um dos conhecimentos mais fundamentais neste contexto, imprescindível quando tratamos do grupo de competências necessárias ao desenvolvimento pleno de uma literacia midiática, é a capacidade de compreender e produzir conteúdos audiovisuais. Ferrés entende como competência audiovisual,

(...) la capacidad de un individuo para interpretar y analizar desde la reflexión crítica las imágenes y los mensajes audiovisuales y para expresarse con una mínima corrección en el ámbito comunicativo. Esta competencia está relacionada con el conocimiento de los medios de comunicación y con el uso básico de las tecnologías multimedia necesarias para producirla. Hablamos de comunicación audiovisual para referirnos a todas aquellas producciones que se expresan mediante la imagen y/o el sonido en cualquier clase de soporte y de medio, desde los tradicionales (fotografía, cine, radio, televisión, vídeo) hasta los más recientes (videojuegos, multimedia, Internet...) ⁷ (FERRÉS, 2007, p. 102)

No âmbito do projeto desenvolvido, utilizamos como base teórica para a prática do ensino-aprendizagem do audiovisual, o grupo de habilidades apontado pelo autor como referência para a avaliação das competências adquiridas na área. Daí a relevância de elencarmos, no presente trabalho, quais são esses indicadores e como eles estão vinculados à prática pedagógica do audiovisual para crianças e adolescentes. Acreditamos que esse referencial teórico possa ser utilizado em um número ilimitado de experiências que apresentem semelhanças com o projeto em questão.

Ferrés (2007) afirma que o ensino do audiovisual para adolescentes de segundo grau deve ser a base para uma aprendizagem contínua, que se desenvolveria durante toda a vida do aluno, e que deve ser trabalhado em dois níveis distintos: o pessoal e o operativo.

⁷ A capacidade de um indivíduo para interpretar e analisar criticamente as imagens e as mensagens audiovisuais e para expressar-se de forma minimamente coerente no âmbito comunicativo. Esta competência está relacionada com o conhecimento dos meios de comunicação e com o uso básico das tecnologias multimídia. Falamos de comunicação audiovisual para nos referir a todas as produções que se expressam por meio da imagem e do som em qualquer suporte ou meio, desde os tradicionais (fotografia, cinema, rádio, televisão, vídeo) até os mais recentes (video-games, multimídia, internet...)- Tradução nossa

O nível pessoal engloba o desenvolvimento da capacidade de integrar, de maneira eficiente, a emoção e a racionalidade ao consumir e produzir um conteúdo audiovisual. De acordo com Ferrés:

Se trata de que sean capaces de pasar del simple placer de mirar la imagen e interaccionar con ella al de pensarla y de ahí al de pensar creando imágenes, convirtiendo la capacidad de análisis, el sentido crítico, la fruición estética y la expresión creativa en nuevas fuentes de satisfacción.⁸ (FERRÉS, 2007, p. 102).

Já o âmbito operativo visa garantir que uma pessoa competente na comunicação audiovisual seja capaz de interpretar adequadamente mensagens audiovisuais e, ao mesmo tempo, produzir essas mensagens de forma compreensível e eficaz.

Para que essas duas questões mais amplas fossem plenamente trabalhadas, desenvolvemos com os alunos as seis dimensões específicas, fundamentais no ensino-aprendizado do audiovisual, no entender de Ferréz (2007):

- 1) Linguagem audiovisual: o conhecimento dos códigos específicos deste tipo de linguagem e a capacidade de utilizá-los para comunicar-se de maneira criativa e eficaz.
- 2) Tecnológica: capacidade de reconhecer e utilizar as ferramentas tecnológicas envolvidas na criação de uma mensagem audiovisual.
- 3) Processos de produção e programação: reconhecimento das funções, tarefas e atores vinculados às fases de produção de diferentes tipos de produtos audiovisuais. Assim como o desenvolvimento da capacidade de distinguir a importância e as implicações desses níveis de produção em novos ambientes comunicacionais.
- 4) Ideologia e valores: capacidade de leitura crítica das mensagens audiovisuais e compreensão de suas dimensões ideológicas.
- 5) Recepção e audiência: capacidade de compreender o papel de receptor ativo, principalmente, a partir do uso das novas tecnologias digitais que permitem maior participação e interatividade.
- 6) Dimensão estética: capacidade de analisar e avaliar as mensagens audiovisuais do ponto de vista de suas inovações formais e temáticas, além de relacionar estas mensagens à outras produções midiáticas e artísticas.

⁸ Se trata de que sejam capazes de passar do simples prazer de contemplar a imagem e se relacionar com ela ao estágio de pensar e, ao pensar, criar imagens, convertendo a capacidade de análise, o senso crítico, a fruição estética e a expressão criativa em novas fontes de satisfação- Tradução nossa

Toda essa dinâmica ligada ao ensino da técnica, compreensão e produção do audiovisual são indissociáveis do processo de desenvolvimento dos agentes sociais que partilham esses novos saberes. Aprender a usar as novas mídias, a dominar os seus códigos e compreender os riscos e potencialidades que comportam, não só do ponto de vista técnico, mas também cultural e ético, é fundamental para a formação de cidadãos conscientes, que sejam capazes de exercer integralmente seus direitos e deveres.

Com o desenvolvimento das competências da literacia midiática, os indivíduos agregam novos elementos à sua visão de mundo, como o entendimento das relações sociais e das estruturas de poder, hoje fortemente marcadas pelo desenvolvimento tecnológico e informacional.

Cidadania que não é adquirida, mas se constrói a partir das relações concretas, efetivas, entre membros de uma comunidade em uma sociedade cada vez mais dinâmica e múltipla, que exige dos que nela convivem diferentes níveis de aprendizagens e os confronta diariamente com novos desafios. Como afirma Peruzzo:

Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos. E a participação ativa do cidadão, como protagonista da gestão e da emissão de conteúdos, propicia a constituição de processos educacionais, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do exercício da cidadania (PERUZZO, 2006, p.9-10).

Compreender os modelos comunicacionais do nosso século a partir de metodologias ultrapassadas não é apenas equivocado, mas pode ter graves consequências estruturais. Por isso, a urgência em capacitar os cidadãos para que possam atuar de forma ativa frente aos desafios impostos pelos novos meios. E isto vale para todas as esferas de relações sociais: famílias, escolas, empresas, política, profissionais das mais diversas áreas, jovens, adultos e idosos.

Conclusão

A educação para um uso esclarecido e crítico dos meios de comunicação tem que ser tratada como uma dimensão autónoma da educação para a cidadania. Há muito ainda o que se fazer para extrair os melhores frutos de ações que já existem e pensar projetos novos e independentes. Essas iniciativas, no entanto, dependem, antes de mais nada, da vontade e

do comprometimento da sociedade civil e de múltiplos parceiros que podem ter uma ação decisiva neste domínio da literacia dos meios. Mas, é igualmente necessário que as instâncias de decisão política assumam este objetivo nos seus programas de governo, para facilitar e estimular a ação dos atores sociais.

O objetivo dos atuais estudos ligados à literacia midiática e à promoção da cidadania é criar um amplo horizonte que sirva de base e incentivo para todas essas políticas. Que permita capitalizar as experiências e os conhecimentos adquiridos, de modo que outros possam neles se apoiar. Só assim poderemos construir metodologias que aproximem os atores sociais de seus contextos midiáticos. Principalmente no momento em que a comunicação é cada vez mais ubíqua e sua instantaneidade exige cidadãos aptos a operar com os meios e para os meios de maneira consciente, crítica em que todas as dimensões das competências midiáticas acima mencionadas se tornam relevantes e se dão de maneira simultânea.

A nossa expectativa é que a escola veja a prática do audiovisual como uma questão importante no processo de aprendizagem e que fomente cada vez mais essa competência junto aos alunos. Não apenas apoiando as iniciativas ofertadas seja pela universidade ou outras instituições, mas que a cultura audiovisual seja valorizada pelos próprios professores e alunos.

Referências

- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 3.ed. Campinas, SP Autores Associados, 2009.
- BOSI, A. **Fenomenologia do Olhar**. In O Olhar. Novaes, Adauto (org.). São Paulo, Companhia Das Letras 65-93.1988
- CRYSTAL, D. **Language**. Cambridge, London.1997.
- CHALHUB, S. **A Metalinguagem**. São Paulo, Ática.1998
- DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- BORGES, G. Qualidade e literacia midiática: um diálogo profícuo e necessário. In **Anais...** 3º Encontro de Comunicação e Educação de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2013. Disponível em <<http://deinfo.uepg.br/~proengem/conaitec/Anais/Trabalhos/2.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.
- FANTIN, M. Produção cultural para crianças e o cinema na escola. In **Anais...** 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de. Caldas, 2003.
- FERRÉS, J. **Televisão e educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- _____. **Las pantallas y el cérebro emocional**. Barcelona: Romanya Valls, 2014.

_____. La competencia en comunicación audiovisual: dimensiones e indicadores. **Comunicar** Revista Ibero-americana de comunicação e educação, Andalucía. ES, n.29, V.15, p. 100-107, 2007. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=29&articulo=29-2007-17>>. Acesso em: 15 de abril de 2015

_____. PISCITELLI, A. La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. **Comunicar** Revista Ibero-americana de comunicação e educação, Andalucía, ES, n.19, Ed.38, p.75-82, março 2012. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=38&articulo=38-2012-10>>. Acesso em: 13 abril de 2015

FREINET, C. **A educação do trabalho**. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

MACHADO, A. **Televisão Levada a Sério**. São Paulo. Ed. SENAC. 2000.

MORIN, E. **O Enigma do Homem**. São Paulo Circulo do Livro. 1987.

NAPAOLITANO, M. **Como Usar o cinema Na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

PERUZZO, C. M. K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **Anais...** XXIX Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006, Brasília. XXIX Congresso NTERCOM. São Paulo: Intercom, 2006.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense. 1981.

_____. **Comunicação ubíqua**. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013

SCANNELL, P. **For a Phenomenology of Radio and Television**. **Journal of Communication**. vol 45. n.3-Oxford: Oxford University Press, 2015.